IB DIPLOMA PROGRAMME
PROGRAMME DU DIPLÔME DU BI
PROGRAMA DEL DIPLOMA DEL BI

M07/2/ABPOR/HP1/POR/TZ0/XX/T

22072358

PORTUGUESE B – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Monday 7 May 2007 (morning)
Lundi 7 mai 2007 (matin)
Lunes 7 de mayo de 2007 (mañana)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1.
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la Prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

© IBO 2007

TEXTO A

"VOU FAZER MIL GOLS!"

Entre os jogadores de futebol em atividade, ninguém fez mais gols que Romário. Segundo a Fifa, são 458 anotados em campeonatos da primeira divisão. Ou cerca de 900 pela contagem do jogador, que inclui amistosos, jogos pela seleção brasileira e nas categorias de base, numa carreira pelo Vasco, PSV (Holanda), Barcelona e Valencia (Espanha), Flamengo e seu atual clube, o Fluminense. Romário foi campeão e estrela da seleção brasileira na Copa de 1994, ano em que foi escolhido o melhor jogador do mundo.

Aos 38 anos, polêmico e irreverente, o atacante desafia a decadência física em busca do seu último objetivo no futebol: chegar aos 1000 gols. Para quando pendurar as chuteiras tem vários planos: um deles é ficar mais perto dos quatro filhos, outro é se dedicar à fundação que leva seu nome.

Repórter – Você completa 38 anos neste mês. Não é hora de pendurar as chuteiras?

Romário – Há dez anos que venho anunciando que vou me aposentar, mas sempre acabo desistindo. O ano passado foi muito ruim, um dos piores da minha carreira. Tive problemas dentro e fora de campo, dei uma relaxada, me contundi várias vezes e cheguei a pensar: vou parar. Mas agora estou novamente me sentindo bem. Estou com 890 gols e meu objetivo é chegar aos 1000.

Repórter – ***[– X –]***

Romário – Nunca fui atleta. Não gosto de treinar, mas posso garantir que hoje treino mais que antes. Se eu tivesse levado uma vida regrada, certamente teria feito mais gols. Mas não sei se ainda estaria jogando ou se seria feliz como sou hoje. Jogar futebol é simples e me dá prazer.

Repórter – **[– 4 –]**

Romário – É fácil. Como nunca fui atleta, no sentido de me empenhar a fundo nos treinos, a vida noturna não me causa problemas. Quando se fala em boemia, porém, as pessoas logo ligam a cigarro, bebidas e droga. Disso tudo estou fora. O que eu curto[1] na noite é dançar, olhar para a mulherada, encontrar os amigos.

Repórter – Você não teme ser esquecido depois que pendurar as chuteiras?

Romário – Nunca pensei muito a respeito, mas sei que vai ser difícil. Imagino que depois de vinte anos vivendo esse ambiente sentirei falta. Sei apenas que nunca serei técnico, não teria paciência de lidar com um jogador como o Romário. No futuro, pretendo me dedicar ao Instituto Romário de Souza Faria, que eu criei há alguns anos para desenvolver projetos com crianças carentes.

Repórter – **[– 5 –]**

Romário – Não cheguei a ver o Pelé, mas ele é mesmo um caso à parte. Depois, para mim, vem o Maradona. Era um jogador fantástico e não merecia ter o fim que teve. Cheguei a conhecê-lo, é uma ótima pessoa. Em seguida, entre os que vi jogar, fico com o Laudrup, atacante dinamarquês que jogou comigo no Barcelona.

Repórter – **[– 6 –]**

Romário – Sempre gostei do Reinaldo, atacante do Atlético Mineiro nos anos 70 e 80, e adoraria ter jogado com ele. O Zico também foi um excelente jogador, talvez o melhor que eu tenha visto jogar com a camisa de um clube. Considero o Ronaldinho Gaúcho o melhor jogador brasileiro que surgiu nos últimos dez anos: é rápido, inteligente, passa bem e não corre do pau[2].

José Eduardo Barella. Revista Veja, 21 de Janeiro de 2004 Editora Abril. (Texto adaptado)

[1] curto: (eu) gosto

[2] pau: confronto, da briga

TEXTO B

S.O.S. PLANETA!

❶ Nunca estivemos tão perto de incendiar a casa onde vivemos. Quem julga que esse tal fenómeno chamado "aquecimento global" só vai preocupar os nossos netos, esquece-se de um pormenor: anualmente, morrem entre 150 e 160 mil pessoas, devido aos seus efeitos, indica um estudo da Organização Mundial de Meteorologia.

❷ As alterações climáticas – a maior catástrofe ambiental que a humanidade alguma vez experimentou — não pertencem a um futuro confortavelmente distante. Já chegaram. E, a cada dia que passa, a Natureza continua a enfurecer-se, já sem capacidade para absorver, através da fotossíntese, as imensas quantidades de gases com efeito de estufa (GEE) lançados para a atmosfera e que estão na base da situação.

❸ O aquecimento global, em si, não é o problema. Mas qualquer pequena variação térmica na temperatura média global, como a que estamos a viver, provoca um desequilíbrio à escala planetária, arrastando consigo todo o tipo de desastres naturais, os tais que temos observado, nos últimos anos. Os sinais são claros. A década de 90 foi a mais quente desde que há registros e os primeiros anos do novo milênio seguem o mesmo caminho.

❹ Os quatro cantos do planeta têm sido brindados com anomalias climáticas cada vez mais freqüentes e violentas. Cheias alternam com secas, vagas de calor com ondas de frio, furacões multiplicam-se em número e em fúria. Entretanto, as águas salgadas do mar avançam terra adentro, destruindo milhares de hectares de culturas de arroz, no Bangladesh, obrigando a população das ilhas de Tuvalu, no Pacífico, a desertar para a vizinha Austrália, e dando dentadas, lentas mas certeiras, na costa portuguesa.

❺ Um dos fenômenos que está a alarmar os investigadores é o degelo, nos pólos e nos glaciares. A área que se derrete, na Gronelândia, durante o Verão, aumentou 16 % desde 1979. Um estudo publicado na revista científica *Nature* prevê mesmo que, em cem anos, derreta todo o gelo da ilha — e a quantidade de água ali existente é suficiente para aumentar o nível do mar em sete metros.

❻ Nos Himalaias, o recuo dos glaciares faz-se à velocidade de 10 a 15 metros por ano. Hoje, toda essa água provoca inundações em redor dos sete grandes rios que alimenta; mas, no futuro, centenas de milhões de chineses, indianos e nepaleses correrão graves riscos de seca, garante um estudo da organização ambientalista WWF. Chamemos-lhe ironia climática...

❼ O velho tempo, mais calmo, amigável, até relativamente previsível, não vai regressar. A mudança é irreversível — para estabilizarmos o clima, teríamos de reduzir as emissões de dióxido de carbono até 70 % dos níveis actuais. E mesmo que parássemos, já hoje, todas — mesmo todas — as emissões de GEE, o mar continuaria a expandir-se, durante um século. Só há duas saídas: não piorar ainda mais o cenário e prepararmo-nos para os dias difíceis que se avizinham. "Temos de nos concentrar, agora, na aceitação e adaptação", esclarece Filipe Duarte Santos.

❽ O Protocolo de Quioto é o principal instrumento para abrandar o ritmo do aquecimento, apesar de não passar de uma gota no oceano — mesmo que seja exemplarmente cumprido, os seus efeitos serão mínimos. Mas é um sinal de boa vontade, que mostra um mundo civilizado de olhos abertos para um problema crescente.

❾ Também um pouco por todo o lado, governos e empresas apostam nas suas próprias medidas de desenvolvimento sustentável, principalmente no sector das energias alternativas: a Alemanha tem investido milhões de euros na energia solar, a Inglaterra faz experiências avançadas com a energia das marés, fabricantes de automóveis garantem estar a meia dúzia de anos de comercializar carros movidos a *fuel cells* (hidrogênio) e na vizinha Espanha há mesmo um projecto de eletricidade, produzida a partir de resíduos de azeitonas, que já abastece milhares de habitações. Mas o verdadeiro truque é a poupança de energia — e essa começa, precisamente, em casa.

Luis Ribeiro — Visão, 24 de Março de 2005. Lisboa. (Texto adaptado)

TEXTO C

Então que é isso ó Vitinha?! …

❶ Entre a malta do meu bairro de menino, o Vitinha ficou sempre no quadro dos intocáveis. Tinha sobre nós a vantagem dos olhos azuis, dos caracóis loiros e do dinheiro aos domingos, para o cinema e os rebuçados[1]. No pátio da Surda, que era o centro do nosso universo, o sítio onde se conspiravam as púrrias[2], se contavam histórias, se fumavam cigarritos sorrateiros, no pátio da Surda, Vitinha tinha lugar de cabeça. Os pais compravam-lhe revistas com bonecos desenhados, e ele tinha um fato à maruja e boné branco com pom-pom vermelho. Quando vínhamos da escola parávamos por ali: Naftalina, o Descasca-Milho, o Necas Bexiga, o Dá-e-Foge, o Pingado e eu. Eu era o Transparente. Vitinha era o Vitinha. Intocável. Sem alcunha e intocável. Quando rapazes das outras ruas puxavam os caracóis do Vitinha, logo a malta organizava uma púrria. Quando o Vitinha caiu pelas Escadinhas do Monte e partiu o crâneo, fomos todos vê-lo a casa. Quando o Vitinha bateu no filho do Zé Caroço demos uma surra no filho do Zé Caroço. Quando o Vitinha roubou o ananás da porta da mercearia do Meireles, confessei-me culpado.

❷ Feita a quarta classe, os nossos pais decidiram que já sabíamos muito.

❸ Ficámos contentes com a responsabilidade de ser homens e fomos cada qual à nossa vida. Vitinha para o liceu. Uns continuaram no bairro; outros atravessaram a fronteira da rua antiga e foram para ruas novas, descobrindo a cidade. Vitinha cortou os caracóis, mas permaneceu de cabelos loiros e de olhos claros. Namorou a Amélia, que trabalhava na costura com a Dona Maria dos Remédios, e casou com uma rapariga alta da Faculdade. "Parabéns, Vitinha", dissemos todos sorridentes e felizes quando o anjo intocável lá se foi com a noiva, num automóvel negro e imenso. Falámos sempre no Vitinha, no decorrer dos anos. Era o único doutor do bairro, e a nossa glória conseguida. Foi presidente de sociedades, discursou em actos onde se proclamavam princípios, lá apareceu nos jornais, cheio de condecorações com o ar grave de quem medita e de quem serve. "O Vitinha. Vejam o Vitinha. Aquilo é que é um homem, um grande homem." Dizíamos isto uns aos outros, os antigos rapazes do bairro, muito contentes pelo seu destino exemplar.

❹ Aqui há semanas perdi o ***[– X –]***, e aqui há dias a minha mulher, a Amélia, disse-me: "Vai ao Vitinha, homem; ele sempre há-de arranjar qualquer coisa." Bela **[– 35 –]**. À noite disse aos amigos: "Amanhã vou ver o Vitinha. Vou falar com ele…"

❺ Todos ficaram alegres. "Dá lá **[– 36 –]**, pá", disse o Naftalina. "Não te esqueças", avisou o Necas Bexiga.

❻ No outro dia, lá fui ao prédio alto.

❼ Disse meu nome à empregada do consultório, ela desapareceu por uma porta, e voltou quase a seguir: "O sr. dr. pergunta se o seu assunto é urgente, se não pode esperar uns dias".

❽ Interrompi a empregada: "Olhe, diga ao sr. dr. que está aqui o Transparente." Era uma invenção súbita, uma sigla que a rapaziada da antiga confraria entendia abertamente. Ela voltou e disse: "Desculpe, mas o sr. dr. manda dizer que não o conhece"…

Baptista Bastos – Cidade Diária-Lisboa – 1972 (texto adaptado)

---

1 rebuçados: balas

2 púrrias: brigas

TEXTO D

UM MERGULHO NO PASSADO

No início de 1890, uma embarcação a vapor deixou a cidade alemã de Hamburgo rumo à América do Sul. A poucos quilômetros da Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, o navio de 100 metros de comprimento chocou-se com uma ilha e afundou. Passageiros e tripulantes nadaram e remaram em botes salva-vidas durante toda a madrugada. Quando pisaram em terra firme, com as roupas esfarrapadas, foram presos por atentado ao pudor. Mais de um século depois, a história alimenta a curiosidade de muita gente que mergulha para ver de perto, a até 42 metros de profundidade, âncoras, hélices e outros destroços do navio. O *Buenos Aires* é uma das 22 000 embarcações afundadas mapeadas no litoral brasileiro. Mas o número pode ser três vezes maior. "É um tesouro de valor inestimável", afirma Maurício Carvalho, idealizador do Sistema de Informações de Naufrágios, que acaba de concluir um livro sobre o assunto.

Um navio naufragado costuma ser um espetáculo belíssimo. No Brasil, eles são de diversos tipos e nacionalidades e estão espalhados por toda a costa. A maioria afundou entre os séculos XIX e XX, mas existem registros de embarcações que foram a pique em séculos anteriores. As que têm acesso mais fácil e se conservam em bom estado viraram atração turística, como é o caso da corveta *Ipiranga*, que fica a vinte minutos de lancha do porto de Fernando Noronha. Em outros casos, como o do inglês *Velásquez*, que afundou próximo a Ilhabela, em São Paulo, e o do cargueiro italiano *Rosalinda*, em Abrolhos, na Bahia, a aventura de adentrar um navio submerso é brindada com objetos de época, como porcelanas (algumas surpreendentemente intactas) e material bélico. O problema é que, apesar de a lei brasileira proteger o patrimônio subaquático e dos protestos de especialistas como Gilson Rambelli, do Centro de Estudos de Arqueologia Náutica e Subaquática da *Universidade de Campinas*, não são poucos os que sucumbem à tentação de levar um suvenir para casa.

Essas embarcações também são capazes de atrair vida marinha, transformando-se em miniecossistemas. Em uma experiência ainda rara no Brasil, um cargueiro grego abandonado foi posto a pique propositadamente em Guarapari, em 2003. Em menos de um ano, o navio se transformou em um recife artificial repleto de corais e cercado por grandes cardumes. O resultado é que triplicou o número de mergulhadores na região. Para visitar um navio naufragado é preciso, além de equipamento adequado, preparo especial. Um curso de especialização é obrigatório.

Roberta Salomone – VEJA – 11 de janeiro, 2006 – Abril Editora – Rio de Janeiro